

Entrevista

Um desbravador de novos mares: Surfe, Turismo e Sociologia por Christophe Guibert*

*Marina de Souza Sartore***
*Caê Rodrigues****
*Wanderson José Francisco Gomes*****

Resumo

Nesta entrevista, cedida em 01 de Junho de 2023, Christophe Guibert compartilhou a sua trajetória acadêmica como desbravador de novos mares, pois foi um dos primeiros sociólogos a estudar o surf na França. A sua trajetória é ilustrativa de que para a Sociologia pode ser muito fecundo compreender temas e problemas que, tradicionalmente, não estão na sua agenda de pesquisa. Nesta entrevista, Guibert traz o cenário editorial no qual está inserido o periódico pluridisciplinar “mondes du tourisme” de cujo conselho editorial ele faz parte há anos. Ele também mostra como abordar o Surfe sociologicamente, os desafios de estudar o turismo em escala internacional e as possíveis conexões entre a sociologia (principalmente a de Bourdieu) e os estudos do turismo.

Palavras-Chaves: Surfe, Turismo, Bourdieu, Sociologia, Litoral

* Université Angers. Esthvia, Faculté de tourisme, culture et hospitalité. UFR de Lettres, Langues et Sciences Humaines. Laboratoire Espaces et Sociétés. Angers, Maine e Loire, França. Email: christophe.guibert@univ-angers.fr Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9149-3634>

** Universidade Federal de Sergipe. Centro de Educação e Ciências Humanas. Departamento de Ciências Sociais. São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Email: marinass@academico.ufs.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7935-4105> Credit: Tradução e Escrita do Rascunho Original

*** Universidade Federal de Sergipe. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Departamento de Educação Física. São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Email: caerodrigues@academico.ufs.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7519-838X> Credit: Escrita – Revisão e Edição

**** Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Email: wandersonjfgomes@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5788-0174> Credit: Escrita – Revisão e Edição

01. Marina: Em 2005, você terminou a sua tese de doutorado em sociologia sobre o surfe. Qual foi a sua principal motivação para estudar o surfe e como a escolha deste objeto de pesquisa influenciou o seu percurso para se tornar professor na Universidade de Angers?

C. Guibert: Olá Marina. Antes de tudo, quero lhe agradecer por este convite de entrevista que me permite expor as minhas pesquisas e atividades científicas. Antes de começar, gostaria de frisar que é sempre interessante e agradável falar de nossos trabalhos científicos fora da universidade, seja para a comunidade local ou ainda na mídia e nos jornais. Também é muito interessante poder apresentar nossos trabalhos no exterior, em países estrangeiros cuja comunidade científica nem sempre consegue ler os trabalhos que são escritos em francês.

De fato, em 2005 eu defendi uma tese de sociologia na Universidade de Nantes, tese que iniciei no ano de 2000. Nantes é uma cidade situada na região oeste da França. Minha pesquisa de tese foi constituída por uma análise das políticas públicas em relação à turistificação das atividades esportivas no litoral da Aquitânia. Na verdade, eu buscava uma temática que fazia sentido para mim e que me motivasse para a minha pesquisa que duraria os cinco anos da tese.

De fato, o surfe ocupava uma parte importante das minhas preocupações em termos práticos, pois eu surfo desde adolescente! Mas, também, em termos acadêmicos e científicos. Eu queria analisar cidade por cidade, departamento por departamento¹, os diversos níveis e seções administrativas na França. Eu queria analisar de qual forma cada território mobilizava o surfe objetivando uma valorização turística, econômica, social e esportiva do território. Podemos observar variações bem nítidas da utilização do surfe pelos governos locais em função dos seus interesses em desenvolver esta atividade em seus territórios, dependendo da tipologia social da população de cada cidade, da história social do esporte, do lazer e do turismo no território. Estas questões de pesquisa sobre o surfe vão caracterizar, de maneira profunda, minha tese de doutorado. Depois, ampliei a agenda de pesquisa para estudos sobre atividades náuticas, como o surfe, o iatismo, tanto na França como em outros países. Enfim, de todo modo, me tornei, em meio a outros colegas pesquisadores franceses, um especialista do surfe e de outras atividades náuticas do litoral.

Então, eu analisei o surfe e as atividades náuticas litorâneas sob o ângulo das políticas públicas, mas também sob o ângulo dos seus usos sociais, das questões de gênero e dos trabalhos por temporada no litoral em destinos turísticos. Eu mobilizo o surfe como pretexto, como uma referência que me permite questionar diferentes esferas da vida social e da vida socioeconômica dos territórios litorâneos. Finalmente, eu consegui transformar uma paixão de adolescente em um objeto de pesquisa maduro e legítimo. Eu acredito que, após mais de duas décadas pesquisando o surfe na França e em outros países, o surfe ocupa atualmente um lugar legítimo dentre os objetos de pesquisa. No entanto, não foi sempre tão simples assim e eu me lembro que quando eu mencionava que eu pesquisava o surfe no começo das minhas pesquisas de tese, alguns olhavam para o meu trabalho como uma forma de diversão.

1 A França é atualmente dividida administrativamente em 101 departamentos (Départements Français).

02. Marina: Em 2006, você lançou o livro “O universo do surfe e estratégias políticas na Aquitânia²”. Quais pontos você destacaria nesta obra (e na sua tese) que contribuíram para o campo da sociologia do lazer e do turismo na França?

C. Guibert: Isso, em 2006 eu publiquei o livro “O universo do surfe e estratégias políticas na Aquitânia”, resultado de minha tese de sociologia defendida um ano antes. Acredito que a minha tese é uma das primeiras teses sobre o surfe que foram defendidas na França, em meio a outros trabalhos de pesquisa de colegas que pesquisaram atividades náuticas, os esportes, o lazer e o turismo. O fato de utilizar o surfe me permite analisar, ou ainda, contribuir para uma sociologia do lazer e do turismo na França muito porque meu trabalho está no cruzamento de diferentes orientações. É claro que o guarda-chuva mais geral é a sociologia, mas eu também mobilizei a geografia social, a ciência política que, então, me permitiram identificar e analisar fenômenos que, como eu indiquei na questão anterior, ultrapassam o estudo do surfe como um simples objeto de pesquisa e que tornam mais sólida a sociologia do lazer, dos esportes, dos esportes do litoral e do turismo na França. Então, é possível observar, depois de alguns anos, uma estruturação deste subcampo da sociologia como espaço científico de debate, de análise, de interpretação e que é cada vez mais fecundo e produtivo na França.

No livro *O universo do surfe* eu explico que, na Aquitânia, região litorânea situada no sudoeste da França, o surfe é presente sistematicamente nas dinâmicas de identificação. Na verdade, como mostra o livro, a maleabilidade de representações ligadas a este esporte e aos seus praticantes permite que ele seja usado de maneira múltipla, em função dos interesses políticos locais que buscam explorar os benefícios econômicos, midiáticos, turísticos e sociais do surfe. Em oposição a uma imagem idílica, o surfe se revela um recurso político decisivo para as instituições locais. Para além do caráter polissêmico do “surfe” que remete à múltiplos significados, às vezes contraditórios, os sentidos e representações são apropriados e mobilizados de maneira diferente pelos comitês municipais do litoral de Aquitânia. Considerar o surfe como objeto de produção do território, ou seja, como efeito de simbolização, lança uma luz original sobre o tema das políticas municipais no sentido em que se trata, para uma municipalidade do litoral, de construir simbolicamente o território, isto é, o “terrestre” com uma atividade “aquática”. Por consequência, a questão que inspirou a análise pode ser colocada nos seguintes termos: de que maneira os usos políticos da maleabilidade do universo multidimensional do surfe e das “imagens” – ou dos sentidos – que ele produz contribuem para definir identificações territoriais diferenciadas? Os possíveis usos políticos deste universo do surfe são múltiplos para um político local eleito na Aquitânia, *a fortiori* quando, sob o padrão uniformizante do “surfe” se dissimulam realidades plurais: o surfista “marginal”, o surfista “competidor”, a “viagem” e a “liberdade”, a economia e a racionalização do mercado, as variadas referências históricas, as competições profissionais etc. O jogo dos prefeitos e suas equipes de gestão municipal, mais do que apoiar a prática do surfe em si mesma, reside no desenvolvimento das cidades com fins de desenvolvimento econômico, turístico, midiático, social e, às vezes, esportivo, que comumente corresponde a uma lógica de “marketing territorial”, tal como um produto charmariz. Como consequência, a análise das estratégias de identificação conduzidas pelos prefeitos e suas equipes de gestão municipal nos faz questionar o lugar da prática e dos surfistas locais nas representações dos eleitos e nas políticas municipais estudadas. Em minha análise, o substrato de instrumentalização para o trabalho de produção do território é o surfe e, mais genericamente, o universo do surfe, quero dizer, a prática do surfe, mas também e principalmente os grandes even-

2 GUIBERT C. *L'univers du surf et stratégies politiques en Aquitaine*, Paris: L'Harmattan, 2006, 321p.

tos midiáticos (festivais, competições profissionais), os empregos diretos, assim como o conjunto de representações ligadas ao surfe. A identificação comunal que resulta da produção do território a partir deste universo do surfe se torna legítima aos olhos dos governantes, da mídia e, em última análise, dos turistas e investidores quando ela é estável, original e lucrativa politicamente. Esta diferenciação de lugares do surfe é possível se, de um lado, a identificação territorial legitimada pelos governantes na direção da população local e dos turistas é sustentada duravelmente e, do outro lado, se estes mesmos governantes são receptivos e acreditam nos benefícios e lucros eventuais. Trata-se, portanto, de compreender como estas crenças diferenciadas são produzidas e em qual medida elas respondem a mecanismos sociais irreduzíveis às escolhas individuais. Mais particularmente, o pertencimento a um partido político ou a uma “ideologia” política não é um critério que opera por si mesmo.

O livro também tem a ambição de explicar porque o surfe não é inscrito de maneira similar nas “agendas políticas” e avaliado seguindo as mesmas modalidades pelas equipes de gestão municipal. Se algumas cidades do litoral da Aquitânia desejam conquistar ou manter uma posição elevada no espaço das cidades do surfe, é porque os seus governantes crêem na possibilidade de obter lucros econômicos e turísticos para a sua cidade. Mas, dado que a prática em si mesma, assim como os surfistas “ordinários”, não são prioritariamente visados por conta das representações coletivas julgadas principalmente de maneira negativa pelo conjunto de prefeitos à época da pesquisa, os jogos e as disputas se situam alhures. As construções dos jornalistas e o discurso do marketing das empresas de *surfwear* não são os únicos a produzir efeitos nas categorias mentais dos agentes do campo político. Na verdade, é nos benefícios econômicos, midiáticos, turísticos e sociais que devemos pesquisar afim de compreender as ações dos governantes locais, para os quais ser o prefeito de uma cidade de surfe é, portanto, lucrativo. E esta é a razão pela qual eu pude justificar a ideia a partir da qual, por exemplo, uma cidade como Biarritz mobilizava o surfe por sua historicidade, quer dizer, por que Biarritz, no começo dos anos 2000, mobilizou o surfe para valorizar a historicidade desta atividade no seu território, organizando, notadamente, festivais culturais de surfe. De fato, o surfe surge na França em 1956, na cidade de Biarritz, onde residia uma população endinheirada, tendo em seu seio habitantes que, à época, eram socialmente predispostos a ver o surfe como uma atividade de lazer e progressivamente. Nos anos 50 e 60, o surfe vai se espalhar pela França para as cidades mais ricas da Aquitânia como: Biarritz, Guétary, Anglet e, claro, Hossegor. Eu falei sobre isso para justificar a ideia de que não podemos compreender as problemáticas contemporâneas sem uma leitura histórica dos fenômenos sociais. O sociólogo francês Jean-Claude Passeron nos lembra bem que a “sociologia é uma ciência histórica”³!

03. Marina: Você também pesquisou o surfe no Marrocos e também os usos da praia na China. Por que pesquisar estes países e quais são as principais diferenças e similaridades com a sua pesquisa para o caso da Aquitânia?

C. Guibert: Sim, de fato eu sempre quis desenvolver minhas pesquisas em uma perspectiva de comparação internacional. Eu tive a chance de realizar pesquisas de campo em muitos países, notadamente Marrocos, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos e China. Minha primeira pesquisa de campo internacional foi no Marrocos, durante a minha tese de doutorado, no começo dos anos 2000. Inicialmente, eu desejava analisar as políticas públicas do litoral do Marrocos utilizando os

3 PASSERON J.-C., *Le Raisonnement sociologique. L'Espace non-popperien du raisonnement naturel*, Paris: Nathan, 1991.

critérios de minhas pesquisas na Aquitânia. Então, à medida que eu avançava na análise de meus dados de campo, a comparação entre Marrocos e Aquitânia se tornava cada vez menos possível, por razões econômicas, culturais e políticas. Os dois países são muito diferentes. Naquele momento, uma política municipal esportiva na França não correspondia em nada a uma política esportiva municipal marroquina. Na minha tese, no final das contas, nenhuma linha foi escrita sobre o Marrocos, mesmo com quase 6 meses de pesquisa de campo e de análise de material empírico exclusivamente dedicados ao caso do Marrocos! Por fim, a pesquisa sobre o litoral marroquino, que ocorreu em 2002 e 2003, acabou focando como objeto de estudo os usos (e desusos) políticos do surfe pelas coletividades locais. Como evidenciam os programas eleitorais de lá, o lugar do surfe na sociedade marroquina não desfrutava de visibilidade nas políticas esportivas locais e nacionais. O surfe, atividade praticada majoritariamente por indivíduos pouco favorecidos socialmente e que não têm idade para votar, não é digno de interesse dos governantes locais. Enquanto a Federação Marroquina, criada em 2003, tinha muita dificuldade de legitimar o surfe, ocorria que, localmente, o surfe se transformava em uma ferramenta política de primeira ordem. Neste caso, é surpreendente que, na verdade, é do lado das disposições da realeza marroquina que devemos situar a análise para dar conta de explicar as estratégias políticas de algumas municipalidades, como a de Rabat, principalmente⁴.

Eu desenvolvi pesquisas no Marrocos alguns anos mais tarde problematizando a questão do gênero em relação à prática do surfe. Com a minha colega geógrafa Chadia Arab, eu pude comprovar a ideia de que ser surfista marroquina no Marrocos implica em lidar com as normas sociais e culturais assim como com o “olhar dos homens” que são, na maioria, desfavoráveis a esta prática. Carregando um discurso que mostra a alternância de lucros sociais e simbólicos com formas de descrédito, as surfistas interrogadas revelaram, na ocasião da pesquisa de campo, terem sido expostas a socializações precoces singulares ao mundo do surfe. Os seus pares masculinos e a esfera familiar (os pais e os irmãos) são os canais privilegiados desta socialização. Pelo viés destes percursos, assim como dos discursos que os homens têm sobre estas mulheres, a prática feminina do surfe permite, finalmente, questionar a incorporação de valores da sociedade marroquina através da relação com o corpo e das relações de gênero⁵. Enfim, mais recentemente, sempre em parceria com a Chadia, nós continuamos com nossas análises sobre as condições sociais de existência no Marrocos, mas, agora, evocando um tema diferente: o “flerte”, tema que é distante do meu tema do mundo do surfe. Nossa última pesquisa é sobre o que se pode fazer e o que não se pode fazer quando se flerta no espaço público. A análise parte de uma enquete de tipo exploratória, realizada em Abril de 2016, em Rabat, capital administrativa do país, e teve como foco os casais heterossexuais marroquinos que não são casados. Segundo os resultados de nossa pesquisa qualitativa, as maneiras de flertar antes do casamento, potencialmente repreensíveis aos olhos da sociedade, são muito homogêneas. As mulheres e os homens jovens inovam em termos de estratégias para vivenciar suas expressões do íntimo através do que chamamos de “bolhas geográficas” que são identificadas previamente e se constituem em locais que ao mesmo tempo protegem dos olhares indiscretos e desaprovadores e permitem uma intimidade. Os casais, e mais ainda, as mulheres, dão uma atenção crucial à escolha dos lugares de seus encontros amorosos: se trata de não serem vistos e, ao mesmo tempo, ficarem seguros para poder flertar⁶.

4 GUIBERT C., “Le surf au Maroc: les déterminants d’une ressource politique incertaine, Sciences Sociales et Sports, n°1, septembre 2008, p.115-146.

5 GUIBERT C. & ARAB C., “Être surfeuse au Maroc. Les conditions d’une socialisation à contre-courant”, Terrains et Travaux, n°28, 2016, p. 115-146.

6 ARAB C. & GUIBERT C., “Le flirt à Rabat au Maroc: engagements des corps et arrangements socio-spatiaux”, L’Année du

Agora, sobre a China. As minhas primeiras pesquisas de campo foram realizadas dentro de um programa de mobilidade internacional em parceria entre a Universidade de Angers e de Ningbo (província de Zhejiang). Depois de 2010, a cada ano, eu tive a oportunidade de ir lecionar na China e aproveitei para fazer pesquisa de campo, mais precisamente sobre a ilha de Hainan. A coleta dos dados empíricos foi realizada em parceria com um colega que fala chinês, o Benjamin Taunay, e nós pudemos coletar bastante dados sobre a prática dos usos da praia na China pelos chineses, sejam elas conectadas ao surfe ou não. Eminentemente sociais, as práticas praianas dos chineses na China resultam de disposições sociais dos indivíduos à luz de contextos culturais, sociais e geográficos. Nós publicamos uma obra⁷ original com fotografias que visam então questionar o que os chineses fazem e como eles fazem, explorando a dimensão corporal e suas práticas. As noventa fotografias propostas em nosso trabalho não têm por ambição estetizar a praia chinesa. Conectadas a análises de cunho etnográfico, elas ajudam a compreender melhor as singularidades, dando ao leitor uma percepção descentralizada de um espaço (a praia) que, aqui na França, é culturalmente ordinário. A questão que guiou o trabalho é a seguinte: como aquilo que é ou que parece evidente – portanto, incorporado – para os turistas chineses se torna exótico aos nossos olhos? As posturas corporais e as maneiras de usar a praia, tais como as maneiras de se despir, de deitar na areia ou, ainda, de banhar-se no mar são, na verdade, como na França, por exemplo, o produto de histórias culturais e sociais – amplamente analisadas pelas ciências sociais – que, na realidade, não são naturais. Os chineses, têm, inversamente, quase sempre e na grande maioria, com raras exceções históricas, ignorado o mar como espaço de lazer e ainda muitos poucos sabem nadar. Tendo como ambição transformar uma evidência como os usos da praia em problemática científica, a pesquisa que desenvolvo na China busca questionar nossa relação etnocentrada do lazer na praia, apontando as diferenças e especificidades dos usos da praia dos chineses na China.

Por fim, estas pesquisas internacionais permitem um distanciamento, nos afastar dos nossos próprios preconceitos ou pré-noções, como afirmava Durkheim. As evoluções, lentas ou rápidas, depois as transformações materiais e sociais dos espaços estudados na China ou no Marrocos particularmente puderam ser medidas graças ao distanciamento que permitiu um longo trabalho de coleta qualitativa ou quantitativa de materiais empíricos. Em minha opinião, é a partir da imersão do pesquisador em sua pesquisa de campo por um tempo mais longo que as análises se tornam pertinentes e mais fecundas. No entanto, direcionar o olhar analítico para espaços e configurações sociais estrangeiras, exóticas, distantes ou, ainda, alóctones, implica em perigos epistemológicos que convêm ter ciência no momento da pesquisa de campo. Todo pesquisador em ciências sociais se apresenta em um campo de pesquisa estrangeiro (no sentido geográfico, mas também sociocultural) cheio de pré-noções e de ideias, por vezes pré-concebidas, que convêm necessariamente desconstruir. Neste sentido, as armadilhas devem ser evitadas, em particular – e isto deve ser uma reflexão científica – tanto no que tange às equivalências ou funcionalidades semânticas falsas, ou, ao contrário, à armadilha universalista generalizante.

O lazer de praia na China não pode, por exemplo, ser apreendido a partir de uma simples comparação com o lazer da praia na França ou do que está em vigor no Marrocos. Trazer esta noção sem identificar antes os contextos nacionais ou locais, ou ainda, dito de outro modo, pensar como equivalente de um país à outro a noção de “lazer na praia” constitui evidentemente um impasse interpretativo. A armadilha universalista consiste em fazer uma análise comparativa espontânea

Maghreb, Dossier de recherche n°29 | 2023- vol. I : Intimités sous tension, dans et depuis les mondes arabo-musulmans, p. 115-136.

7 GUIBERT C. & TAUNAY B., Les Chinois à la plage en Chine, Collection “Recherches asiatiques”, Paris: L’Harmattan, 2021, 172p.

sem medir os efeitos estruturantes dos contextos socio-históricos e culturais. A solução consiste então em historicizar e contextualizar geograficamente, economicamente, juridicamente, culturalmente etc., o objeto de pesquisa: isto leva tempo e é intelectualmente difícil, mas, para mim, é uma etapa essencial e indispensável.

04. Marina: Em 2017, você publicou um livro com Benjamin Taunay sobre as questões metodológicas em ciências sociais sobre o turismo como objeto de pesquisa. Quais são, na sua opinião, as principais contribuições da sociologia para os estudos do turismo?

C. Guibert: Esta obra coletiva que eu coordenei tem por ambição apontar as diferentes abordagens das ciências sociais no que tange ao objeto de pesquisa “turismo”. Como a história, a sociologia, a geografia social, a antropologia etc., analisam este objeto? Quais são os resultados principais? Quais bases metodológicas e quais enquadramentos epistemológicos caracterizam os estudos focados em turismo? Eu me lembro que eu propôs, antes da introdução geral do livro, duas citações que eu vou citar aqui: “Quando o espírito se apresenta à análise científica, ele nunca é neutro. Ele é ainda bastante velho, porque tem a idade dos seus preconceitos. A opinião pensa mal, ela não pensa: ela transforma as necessidades em conhecimento. O espírito científico nos impede de ter uma opinião sobre os objetos que nós não conhecemos⁸” e “É importante que, ao adentrar no mundo social, o pesquisador tenha consciência que está adentrando em um mundo desconhecido. É necessário que o pesquisador esteja pronto para fazer as descobertas que o surpreenderá e o desconcertará⁹”. Estas duas frases são, para mim, essenciais para todo trabalho de pesquisa em ciências sociais e, por consequência, para os objetos que nós conhecemos tão bem, porque somos nós mesmos os praticantes (aqui, eu falo do turismo!).

Os estudos científicos que tomam o turismo por objeto são recentes na França e, por vezes, ainda fragmentados, mesmo que ainda algumas disciplinas tenham, antes de outras, convocado as práticas e representações do mundo do turismo nas suas análises e interpretações. A geografia, por exemplo, com foco econômico desde os anos sessenta e, depois, com foco social e cultural, sistematizou o estudo dos fatos turísticos com a formação de redes de pesquisadores, a publicação de dossiês em revistas acadêmicas, com a edição de obras em editoras especializadas, com cursos de formação curtos e especializados, ou ainda com as defesas de teses de doutorado. Esta longa história de estudo do fenômeno turístico na geografia leva muitos autores a buscar reformular os paradigmas científicos a partir da “geografia do turismo”, ou mesmo a propor outros. Já aqui na França, a sociologia ou a história, ao contrário, são disciplinas cujas pesquisas sobre o turismo são fragmentadas, pouco visíveis e em menor quantidade. Isto levanta a questão da legitimidade dos objetos de pesquisa no universo do conhecimento acadêmico. Eu sempre levo pra mim uma fala de Howard Becker quando ele diz que escutou a seguinte frase: “isto é trivial, não é um verdadeiro problema”, referindo-se aos *jazzmen* e os fumantes de maconha. Becker disse: “Eu escutei esta crítica mais de uma vez sobre os meus trabalhos. Assim como umas pessoas consideram que a tragédia é mais interessante ou mais importante que a comédia, alguns problemas são julgados como sendo intrinsecamente sérios e dignos da atenção que uma pessoa adulta pode lhes dar, e outros são julgados como triviais. [...]. O fato de acreditar nestas ideias comuns é uma das razões comuns pelas quais os sociólogos não estudam uma gama completa de atividades sociais que mereciam a atenção deles¹⁰”.

8 BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico, 1938.

9 DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico, 1895.

10 BECKER H., Les ficelles du métier. Comment conduire sa recherche en sciences sociales, Paris: La Découverte, 2002, 353 p.

Contudo, de um lado, qualquer que seja a ancoragem disciplinar (sociologia, geografia, etnologia, história) ou pluridisciplinar e, de outro, qualquer que seja o modelo metodológico mobilizado nos trabalhos de pesquisa (de tipo qualitativo ou quantitativo), as pesquisas em ciências sociais devem se inscrever em um sistema de produção, de análise e de interpretação dos dados, com fins de gerir as evidências, que necessita de salvaguardas epistemológicas. O objetivo do livro sobre o qual estamos falando é o de sistematizar o que este universo acadêmico chama de “reflexividade reflexiva”, quer dizer, um retorno reflexivo sistemático sobre a construção de seu objeto, sobre a desconstrução das categorias nativas, sobre a utilização de tal ou tal ferramenta de investigação, ou ainda, sobre a sua própria postura de pesquisador e, então, sua própria relação mais ou menos etnocentrada e distanciada no campo. É então “em termos de obstáculos que se deve colocar o problema do conhecimento científico”. Este preceito bachelardiano vale para os estudos em turismo. No livro de Bachelard de 1938, que já mencionei, ele propõe, na verdade, superar o primeiro obstáculo, sem dúvida o mais imperativo e o mais fundamental, que é a “experiência primeira” (dito de outro modo, as pré-noções ou os saberes imediatos). Nós podemos supor, na verdade, sem muito risco de nos equivocarmos, que os pesquisadores que convocam em seus trabalhos o fato turístico são (ou já foram) eles mesmos turistas, como eu já disse antes. Esta constatação pode, por si só, levantar um problema bastante clássico de distanciamento. Este obstáculo pode ser duplicado quando a pesquisa é realizada em uma perspectiva de comparação internacional, o que é muito comum nos estudos do turismo. De todo modo, podemos contrargumentar que um dos maiores aportes epistemológicos na comparação internacional reside justamente no olhar descentralizado sobre o objeto de pesquisa, muitas vezes analisado à luz do próprio ambiente local ou nacional do pesquisador. Todo pesquisador chega a um campo de pesquisa estrangeiro com um conjunto de pré-noções que convém desconstruir logicamente, principalmente no momento em que o fenômeno turístico “se mundializa” e em um momento no qual novas fronteiras geográficas e científicas restam para serem exploradas.

Outro obstáculo proposto por Bachelard é o do “conhecimento geral” pelo qual “as leis gerais definem as palavras mais do que as coisas”. A generalização, muito presente nos estudos do turismo, constitui um impasse e potencialmente leva a erros de interpretação através dos quais o pesquisador, por facilidade ou ignorância, corre o risco de afundar na descrição padronizada. Não é raro na literatura acadêmica encontrar aproximações do tipo: “o turista francês prefere a praia no verão”, ou o “turista chinês viaja principalmente para tal tipo de destino”, etc. Esta dificuldade se cruza sempre com o obstáculo do “conhecimento quantitativo” e seu corolário excessivo, “o matematismo”. A proposta aqui não é contestar o aporte heurístico das enquetes estatísticas (na verdade, é o contrário), mas, quando se trata de uma população de turistas, é metodologicamente árduo interrogar de maneira representativa uma população global que é, por definição, dificilmente captável pela enquete quantitativa. Também, a “profusão dos números”, segundo a fórmula de Bachelard, quer dizer, a falsa precisão, cria apenas uma ilusão e não corresponde ao espírito científico.

Alguns trabalhos em sociologia constituem um bom exemplo ilustrativo. Ao contrário da geografia social e das ciências de gestão, a sociologia começou a explorar muito tardiamente o turismo, objeto fundamental na sociedade francesa, como nos mostram os dados sobre empregos diretos e indiretos, a existência de uma Secretaria de Estado, as orientações políticas de coletividades locais, a estruturação e manutenção dos territórios, o setor comercial do turismo, os usos sociais do turismo etc. Mesmo com a multiplicação das publicações e edições especiais de revistas científicas na França a partir dos anos 2000 (por exemplo, na *Etnologie française*, na *Actes de la recherche en sciences sociales* etc.), o estado do campo da pesquisa sociológica no domínio do turismo autoriza

ainda interpretações falsas. É, portanto, um ato epistemológico em si mesmo lamentar uma análise uniformizadora e generalizadora baseada em materiais empíricos quantitativos mal construídos em favor de um objeto de pesquisa com fronteiras históricas, geográficas e sociais bem delimitadas. No final, é portanto a partir de um “sistema de hábitos intelectuais”¹¹ que os pesquisadores em ciências sociais devem considerar o estudo objetivo e científico do turismo, qual seja a ancoragem teórica ou disciplinar. Desconstrução, desnaturalização, desessencialização, historicização, contextualização, etc., são todas “palavras de referência” com as quais a pesquisa em ciências sociais, no domínio do turismo, deve combinar para fabricar objetos e as hipóteses de pesquisa.

05. Marina: Na França, você faz parte da comissão editorial da revista *Mondes du Tourisme* (Mundos do Turismo). Quais edições e leituras você recomenda e quais são, na sua opinião, importantes para os estudantes de sociologia que buscam estudar o turismo?

C. Guibert: De fato, por quase uma década, eu faço parte da comissão editorial da revista pluridisciplinar de pesquisa em turismo, *Mondes du Tourisme*¹², criada em 2010 por uma equipe de pesquisadores francófonos. O último número, que saiu no verão de 2023 e que eu coorganizei, fala sobre a questão fundamental do turismo e do gênero. A revista argumenta que o turismo pode ser construído como objeto de conhecimento científico isolável no fluxo de acontecimentos e processos das sociedades humanas. Seu projeto científico e editorial visa, notadamente, a encorajar a invenção de novos enquadramentos teóricos ou conceitos afim de compreender melhor os processos turísticos em funcionamento. A revista é o ponto de encontro de trabalhos científicos advindos das pesquisas em ciências sociais, como desenvolvimento e planejamento urbano, antropologia, economia, geografia, história, administração, comunicação, ciências políticas, sociologia. Então, esta revista constitui um bom suporte para apreender o fenômeno do turismo do ponto de vista geográfico, histórico, sociológico e da administração.

No universo da pesquisa francófona, também há a revista do Québec que se chama *Téoros*, que veio antes da *Mondes du Tourisme*. Há também um volume importante de obras e coletâneas em múltiplos editores. Revistas importantes em sociologia, em etnologia, em geografia também propuseram dossiês sobre o campo do turismo, mas publicações deste tipo são mais raras. No âmbito internacional, a pesquisa está bastante dominada pelas revistas anglosaxônicas que disfrutam de uma visibilidade graças ao “fator de impacto” elevado – por exemplo, a revista *Annals of Tourism Research*. Mas, gostaria de salientar que a minha visão sobre a pesquisa científica tem menos a ver com a questão do “fator de impacto” do que com esta fórmula segundo a qual é mais apropriado “medir o que conta e não o que é contado”, ou seja, dou mais importância para trabalhos com forte impacto heurístico, em vez de multiplicar, em uma lógica mais quantitativa, artigos de má qualidade.

Em minha perspectiva, é antes de tudo como “sociólogo” que eu problematizo os fenômenos e os usos sociais ligados ao consumo turístico. Eu mobilizo os enquadramentos teóricos da sociologia geral para os aplicar no caso específico do turismo ou das práticas esportivas (eu também pesquisei a música do gênero “metal” e eu utilizo os mesmos conceitos). Se eu pudesse dar um conselho aos estudantes que querem se engajar nos estudos sobre o turismo, seria justamente de não se fechar em leituras super centradas nos fenômenos turísticos, mas sim de se abrir para a sociologia

11 BOURDIEU P., PASSERON J.-C., CHAMBOREDON J.-C., *Le métier de sociologue*, Paris: Mouton, 1968, 430p.

12 Disponível em: <https://journals.openedition.org/tourisme/>

da cultura, a sociologia do esporte, a sociologia do trabalho, a sociologia do gênero etc., sempre mobilizando os quadros teóricos mais gerais da sociologia. É notadamente o que tentei fazer ao publicar um pequeno texto sobre o Bourdieu.

06. Marina: É isso mesmo! Em 2022, a França celebrou os 20 anos da morte de Pierre Bourdieu. E você publicou um texto sobre os aportes possíveis de Bourdieu para estudar o turismo. Em qual sentido podemos usar o Bourdieu nos estudos sobre o turismo? Há muitos pesquisadores que utilizam Bourdieu na França para compreender os mundos do turismo?

Eu publiquei em 2023 um pequeno artigo teórico¹³ sobre os aportes conceituais da sociologia de Bourdieu para o estudo dos fenômenos turísticos. Como eu já disse nesta entrevista, aqui na França a maioria que toma o turismo por objeto de pesquisa são geógrafos, mais do que sociólogos. Eu penso que a leitura ou a utilização que é feita dos conceitos de Bourdieu ainda é muito parcial ou aproximativa no âmbito dos estudos do turismo. Então, eu queria esclarecer um pouco melhor as coisas! A teoria bourdieusiana é complicada em termos conceituais; a leitura dos livros e dos artigos do Bourdieu é por vezes árdua e, no final, poucos colegas acabam utilizando o Bourdieu de maneira mais recorrente em seus trabalhos sobre o turismo (ao contrário do que ocorre na sociologia do esporte, da educação, da cultura ou do trabalho, por exemplo). Também é importante lembrar que nós somos poucos sociólogos na França que se interessam em estudar o turismo!

Pierre Bourdieu [1930-2002] é um sociólogo francês que está entre os mais citados nos trabalhos de ciências sociais pelo mundo e ele nunca estudou as práticas turísticas como objeto de pesquisa. Se a cultura¹⁴, a arte¹⁵, a fotografia¹⁶ ou ainda o esporte¹⁷ fazem parte das formas de lazer investigadas por Bourdieu tanto em seus trabalhos individuais quanto coletivos, os usos sociais das mobilidades turísticas não foi um objeto de pesquisa propriamente dito para Bourdieu. O conjunto de seu quadro teórico e heurístico permite, na minha opinião, questionar e interpretar com precisão as modalidades de práticas turísticas, das mais diversas, enquanto fato eminentemente social.

As publicações de Bourdieu estão ficando cada vez mais antigas, mas o seu quadro teórico ainda continua operante. A obra “A distinção” é uma destas obras raras em sociologia que sobrevive ao envelhecimento dos dados empíricos de tanto que a ambição teórica foi e continua sendo generalista. A objetivação sociológica exposta em “A distinção” visa determinar as posições sociais dos indivíduos no espaço social, caracterizadas pelo volume e as estruturas de capital que os caracteriza e também as suas práticas, suas atitudes, seus gostos, sempre expondo a relação de homologia que os associa. As escolhas dos agentes sociais se exprimem assim à luz dos contextos históricos coletivos (por exemplo, a sociedade francesa de 1970) e das trajetórias individuais (socializações), elas próprias inseridas em estruturas sociais. Em outras palavras, um “agente” é para Pierre Bourdieu a instância individual pela qual se exprimem as práticas e as ações individuais, conscientes

13 GUIBERT C., “Analyser les usages sociaux du tourisme: les apports de la sociologie de Pierre Bourdieu”, *Chronique, Mondes du Tourisme*, n°20, décembre 2021, <https://journals.openedition.org/tourisme/4197>

14 BOURDIEU, P. *A distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk. 2007.[1979]. 560p.

15 BOURDIEU, P.; Darbel, A. *O amor pela arte*. São Paulo, Zouk, 2003 [1966]. 240p.

16 BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L.; CASTEL, R.; CHAMBOREDON, C. *Un art moyen – essai sur les usages sociaux de la photographie*, les éditions de minuit, 1965. 361p.

17 BOURDIEU, P. Como se pode ser deportista? In. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Edições, Sociedade Unipessoal, 2003 [1984]. p. 181-204.

e inconscientes, de acordo com as disposições subjetivas socialmente adquiridas e que são, elas mesmas, produtos de uma história específica vivida por este agente dentro dos constrangimentos objetivos do espaço social.

As condições econômicas e sociais de existência estão no princípio da formação dos gostos como operador de distinção. Elas desempenham, portanto, um papel essencial no aparecimento de julgamentos de gosto e de repulsa, depois, nas lutas entre classes sociais e frações de classe pela definição legítima do que é “bom gosto”, por exemplo, fazer turismo cultural e “viajar de forma inteligente” visitando as capitais europeias ao invés de, como diz a expressão consagrada, “*Bronzer Idiot*” (Bronzeamento Idiota¹⁸). Esta “teoria do sistema social”, apoiada por conceitos como *habitus* e as diferentes espécies de capital (econômico, cultural, social e simbólico) pode, assim, ser aplicada aos contextos e práticas variadas, como as formas de consumo do tipo turísticas (ou ainda, a prática do surfe e ouvir músicas do tipo metal).

A estética turística, como por exemplo um patrimônio notável, uma arquitetura tradicional de interesse, uma bela praia, um hotel luxuoso etc., são apreciações de julgamentos de gosto socialmente situados. Assim, entendidos como bens de consumo, os destinos turísticos balneários são todos produtos de uma história social definida pelos arranjos sociais, por aqueles que ali passaram, pelo trabalho de autoridades locais visando construir tal ou qual “imagem” etc. Isto resulta em hierarquias simbólicas nos nossos sistemas de classificação; os destinos turísticos são classificados e hierarquizados uns em relação aos outros: um espaço à beira-mar popular e padrão versus outro sofisticado (*huppée*) e distinto, uma praia familiar versus “da moda”, internacional versus local etc. Estas classificações, baseadas no “espaço de estilos de vida”, segundo a fórmula de Bourdieu, são também classificatórias e hierarquizantes no sentido de que o fato de expressar um julgamento (“esta estância balneária é demasiado familiar”) tem como efeito, em retorno, de se classificar a si mesma.

Em suma, podemos ver claramente que a sociologia de Bourdieu continua a ser muito eficaz e útil para analisar os mecanismos sociais ligados ao turismo. Além disso, na França os conceitos de “capital” e “distinção”, por exemplo, são amplamente utilizados na maioria das ciências sociais, mas também fora do campo acadêmico. O “capital cultural” ou o “capital econômico”, por exemplo, são utilizados tanto no campo político como nos meios de comunicação, mas muitas vezes e infelizmente, sem o rigor que a sua utilização exige.

07. Marina: Agora, uma última pergunta: Na conferência sobre o Oceano em 2017, as Organizações das Nações Unidas estimaram que 40 % da população mundial vive a menos de 100 quilômetros do mar. Na edição de 2020, a ONU estimou que 80 % de todas as atividades turísticas se desenvolvem nas zonas costeiras. Em 2019, foi publicado os anais do Seminário Internacional do Instituto Archipel Université Bretagne Sud, no qual você participa com artigos. Em seu ponto de vista, quais são os desafios possíveis que os sociólogos encontram no cenário mais global de ocupação crescente do litoral?

Na Universidade de Angers coordeno uma pequena unidade na costa atlântica, na cidade de Les Sables d’Olonne. Dou aulas para alunos do 3º ano de licenciatura e alunos do mestrado em cursos

18 A expressão se refere ao fato de uma pessoa ficar tomando sol de maneira improdutivo enquanto poderia estar enriquecendo a mente nos momentos de lazer.

de formação em turismo costeiro. Posso afirmar que a maioria dos alunos está consciente das questões e problemas relacionados aos fenômenos ambientais. Além disso, cursos com formação em desenvolvimento sustentável são sistematicamente oferecidos em todos os níveis da formação universitária. É verdade que já não podemos pensar no desenvolvimento de um destino costeiro sem levar em conta os efeitos do aquecimento global, da subida do nível dos oceanos, da erosão costeira, da redução dos recursos haliêuticos etc. O turismo, em um sentido mais amplo, está envolvido nestes fenômenos cujas questões políticas e econômicas são muito estruturantes para os territórios.

Como então conceber a construção e a conquista de um bem comum num contexto de grande pressão ambiental, econômica e social? O caso das ondas do surfe constitui um bom exemplo: o surfe é, para mim, mais uma vez, utilizado como pretexto para a análise de fenômenos globais. Tenho desenvolvido diversas pesquisas de campo que demonstram a (muito) relativa percepção das ondas como um bem comum acessível e dedicado ao maior número de pessoas. Interesses políticos, econômicos e sociais ilustram a dificuldade de partilha de um bem natural apropriado¹⁹ por residentes, governantes locais eleitos, empreendedores turísticos, banhistas e surfistas. Portanto, a otimização do acesso às ondas, a sua preservação sustentável e a manutenção das suas propriedades ambientais levantam a questão dos processos de regulação/desregulamentação. Como, por iniciativa de quem e segundo quais lógicas sociais deverá ser decidido o quadro normativo que visa compreender o surfe nas ondas como um bem comum? O tratamento destas questões faz parte de uma abordagem histórica e sociocultural do fato turístico próprio de cada país: eu penso que a situação seja diferente na França e no Brasil. Coloca-se a questão da importância dada ao valor da “natureza”, à eufemização das tensões sociais, ou mesmo aos interesses econômicos. Lógicas antagonicas são então confrontadas no desenvolvimento do turismo e, em particular, no turismo de natureza, que precisam encontrar o equilíbrio entre exploração, controle e conservação.

Estas questões contemporâneas – politicamente sensíveis – perpassam parte da minha docência e de algumas das minhas atividades de pesquisa. Também consegui medir os efeitos da atividade litorânea, em particular dos desenvolvimentos costeiros, sobre o meio ambiente na região de Recife e Porto de Galinhas, em Pernambuco, há alguns anos. Acho que também aqui as comparações internacionais seriam muito instrutivas, **também estou aberto a possíveis colaborações!** Para a sociologia, de forma global, surgem questões, entre outras, sobre os usos do litoral, a mobilidade turística, a judicialização e a regulação de atividades e empreendimentos. Tudo isso deve ser pensado de acordo com as características culturais e históricas dos locais. Não podemos pensar sociologicamente sobre os usos do litoral na França, no Brasil, no Marrocos ou na China da mesma maneira, meu trabalho atesta isso, penso eu. Mas agora, a todas estas questões junta-se a questão transversal, duradoura e estruturante das questões ligadas às alterações climáticas e aos seus efeitos inerentes. Acredito que muitas áreas de pesquisa ainda precisam ser exploradas ou, pelo menos, atualizadas.

19 GUIBERT, C., “O controle sobre os Espaços (Patrimonialização, Privatização e Monopolização): o caso das ondas de surfe. Revista TOMO, n.34, 2019. <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/10152>

A “sea explorer”: Surf, Tourism and Sociology by Christophe Guibert

Abstract:

In this interview, given on June 1, 2023, Christophe Guibert shared his academic trajectory as a sea explorer, as he was one of the first sociologists to develop research on surfing in France. His trajectory is illustrative of the richness to explore themes and problems that, traditionally, are not on the sociological research agenda. Guibert, as a long lasting member of the editorial board of multidisciplinary journal “mondes du tourisme”, presents the context for publications related to tourism studies. He also talks on how to approach Surfing sociologically, the challenges of studying tourism on an international comparative scale and the possible connections between sociology (mainly Bourdieu’s) and tourism studies.

Keywords: Surf, Tourism, Bourdieu, Sociology, Coast

Un pionero de nuevos mares: surf, turismo y sociología por Christophe Guibert

Resumen:

En esta entrevista, concedida el 1 de junio de 2023, Christophe Guibert comparte su trayectoria académica como pionero de nuevos mares, ya que fue uno de los primeros sociólogos que estudió el surf en Francia. Su trayectoria es ilustrativa de que para la Sociología puede resultar muy fructífero comprender temas y problemas que, tradicionalmente, no están en su agenda de investigación. En esta entrevista, Guibert presenta el escenario editorial que opera el periódico multidisciplinar “mondes du tourisme”, de cuyo consejo editorial forma parte desde hace años. También muestra cómo abordar el Surf sociológicamente, los desafíos del estudio del turismo a escala internacional y las posibles conexiones entre la sociología (principalmente la de Bourdieu) y los estudios sobre turismo.

Palabras-Claves: Surfe, Turismo, Bourdieu, Sociología, Costa

HISTÓRICO

Recebido: Fevereiro/23

Parecer: Abril/23

Aceito: Maio/23

Revisão Gramatical/Ortográfica e ABNT: Maio/23

Revisado Autor: Maio/23

Diagramação: Março/24

Publicado: Março/24

Equipe Editorial Revista TOMO envolvida no processo editorial deste artigo

Marina de Souza Sartore (Editora-Chefe)

Gabriela Losekan (Editora assistente júnior)